

**Originalmente para:** *Multiculturalismo e Identidades Permeáveis na Literatura Infantil e Juvenil*, ROIG RECHOU, Blanca-Ana, SOTO LÓPEZ, Isabel e LUCAS DOMÍNGUEZ, Pedro (coord.), Vigo: Edicións Xerais de Galicia, pp. 189-201 (ISBN 84-9782-486-5)].

# Multiculturalismo, identidades permeáveis e Literatura infanto-juvenil

Comentário com vista à formação leitora de *Uma Questão de Cor*, de Ana Saldanha

José António Gomes  
Sara Reis da Silva  
Ana Margarida Ramos

## RESUMO

Neste texto, é apresentada uma leitura da obra *Uma Questão de Cor*, de Ana Saldanha, incidindo nas principais linhas temáticas ligadas à promoção da tolerância e do multiculturalismo. São, ainda, considerados os elementos relativos à construção narrativa do texto e à definição do estilo da autora, tomando como ponto de referência o universo dos destinatários preferenciais.

A novela de Ana Saldanha, *Uma Questão de Cor*, foi publicada pela primeira vez em 1995 pela Edinter e reeditada, sob a chancela da Caminho, em 2002, com novas ilustrações de José Miguel Ribeiro – artista que vem somando à sua ligação ao livro infantil um singular e premiado percurso na área do cinema de animação. Esta obra foi ainda integrada em vários manuais<sup>1</sup> do 8.º ano de escolaridade, pela Porto Editora.

O texto de Ana Saldanha em análise foi recomendado pelo IBBY e seleccionado para as Olimpíadas da Leitura de 1996. Foi, igualmente, obra finalista do Prémio Unesco de Literatura Infantil e Juvenil em Prol da Tolerância de 1997. Para a distinção do texto terá certamente contribuído o tratamento da temática da multiculturalidade, a valorização da tolerância perante as diferenças e a denúncia do racismo, associado à incompreensão e ao desconhecimento do Outro. A pertinência da promoção de uma educação intercultural tem vindo a ser salientada frequentemente, sobretudo nos países ocidentais, a braços com problemas graves de integração efectiva de minorias étnicas, culturais e religiosas. A educação intercultural<sup>2</sup> apresenta-se, pois, como um paradigma alternativo ao nível da formação, visando desenvolver, tanto nos grupos maioritários como nos minoritários, uma

<sup>1</sup> Confrontar com: *Com todas as Letras – Língua Portuguesa – 8.º Ano*, de Fernanda Costa e Luísa Mendonça (Porto Editora); *A Casa da Língua – Língua Portuguesa – 8.º Ano*, de Sofia Melo e Manuela Rio (Porto Editora).

<sup>2</sup> Confrontar com Ouellet (1991) e (2002) e Perotti (1997).

maior capacidade de comunicação entre os indivíduos de culturas diferentes, comunicação essa baseada na compreensão das especificidades das diferentes culturas e grupos. Deste modo, é objectivo da educação intercultural a promoção de atitudes adaptadas ao contexto da diversidade cultural em que nos situamos. Assim, é evidente a articulação desta política educativa com a educação para a cidadania, numa interacção<sup>3</sup> pautada por cinco linhas de força essenciais: a coesão social; a aceitação da diversidade; a igualdade de oportunidades; a participação na vida democrática e a preocupação ecológica.

Aliás, a leitura da novela de Ana Saldanha enquanto texto promotor de uma educação intercultural terá estado, acreditamos, na origem da selecção da obra como de leitura integral sugerida pelos manuais escolares. A actualidade e a pertinência das temáticas tratadas, assim como a proximidade discursiva em relação aos leitores preferenciais, explicarão o sucesso da obra junto de leitores adolescentes e juvenis.

*Uma Questão de Cor*<sup>4</sup> estrutura-se em dez pequenos capítulos a que correspondem quase cem páginas, numa clara opção pela brevidade e condensação discursiva para a qual concorrem a inexistência de momentos descritivos ou de pausa na narração da acção. Esta ideia é igualmente reforçada pela presença insistente do diálogo e utilização sistemática do discurso directo, imprimindo agilidade à narrativa que segue o fluxo discursivo das personagens e é assim marcada pela isocronia. Esta questão revela-se particularmente pertinente logo na abertura da novela que é introduzida por um segmento de diálogo<sup>5</sup> sem qualquer contextualização. Desta forma, o leitor, em vez de ler informação (descrições, por exemplo) acerca das personagens, “ouve-as” em acção e constrói, de forma rápida (e com recurso à caracterização indirecta), o seu retrato, estabelecendo os nexos de proximidade ou de afastamento existentes entre elas. O diálogo é ainda caracterizado pelas frases curtas ou mesmo muito curtas, que se sucedem a um ritmo vivo e que surgem, muitas vezes, entrecortadas pelos comentários da narradora.

Trata-se de uma estratégia narrativa e discursiva que caracteriza os textos de Ana Saldanha destinados a um público juvenil e que visa a captação imediata da atenção dos leitores, promovendo a sua identificação não só com os temas tratados, mas também com a linguagem, muito ágil e fluida, favorecendo uma leitura sem sobressaltos e sem momentos de rotina e de paragem. Os capítulos mais extensos apresentam marcas gráficas que estabelecem uma separação entre as diferentes cenas ou momentos narrados, permitindo uma organização da acção.

Além disso, a autora procura recriar universos particularmente próximos dos vivenciados pelos seus leitores, sobretudo o familiar e o escolar, dando conta de algumas das suas principais características – às vezes fortemente tipificadas – tensões e problemas. A questão do conflito de gerações, da falta de diálogo no meio familiar, a problemática

<sup>3</sup> Confrontar Ouellet (2002).

<sup>4</sup> Sara Reis da Silva (2005) apresentou uma conferência onde estabelece as principais linhas de força, quer do ponto de vista ideotemático quer estilístico, da produção de destinatário juvenil de Ana Saldanha e onde inclui referências à obra aqui analisada.

<sup>5</sup> Confrontar com: «– Nina, o jantar está na mesa.

Já vou.

– Nina, vem jantar.

Só mais um bocadinho. Estou quase a conseguir acabar a paciência.

– Nina, olha que o jantar está a arrefecer» (Saldanha, 2002: 9).

de integração dos jovens no grupo, a dificuldade da afirmação de uma individualidade num universo muito codificado e regido por normas muito estereotipadas são algumas das linhas de força que também contribuem para o costurar da narrativa.

As personagens, construídas com realismo e a pinceladas muito vivas e rápidas, promovem a identificação do leitor pela idade, hábitos, gostos, actividades desenvolvidas, relação com os adultos (pais, familiares, professores) e com os colegas. O facto de se tratar de uma narrativa de primeira pessoa, de focalização interna, facilita a adesão do leitor ao ponto de vista do narrador, uma vez que é o seu olhar sobre o mundo e sobre os outros que prevalece. Este olhar reveste-se, ainda, de mais pertinência quando assume uma postura interrogativa (por vezes mesmo de incompreensão) acerca do que o rodeia, dando conta de incertezas e de muitas dúvidas. É evidente o tom confessionalista, próximo do utilizado no diário, que caracteriza a narrativa e que permite uma aproximação ao interior da personagem, incluindo a sua intimidade, os seus pequenos segredos e o seu lado mais obscuro e menos solar...

O texto, apesar de breve e muito condensado, não deixa de conter uma série de referências culturais, históricas e políticas particularmente pertinentes para a temática central do texto. É assim que entendemos, por exemplo, as referências ao *apartheid* na África do Sul e ao papel de Nelson Mandela na conquista de direitos para a população negra desse país. No contexto português, são feitas alusões às manifestações dos estudantes angolanos vivendo em Portugal ou ao simbolismo do primeiro deputado português negro, Fernando Ka, também presidente da Associação Guineense de Solidariedade Social. Nas referências a Nelson Mandela, por exemplo, a narradora privilegia a apresentação, sob a forma de uma listagem, de alguns momentos cruciais da sua vida, destacando, através de casos muito concretos e perfeitamente objectivos, exemplos concretos de discriminação. O capítulo, intitulado "herói (breve história de um)", recria, de forma acessível mas extremamente completa, a vigência e o fim do *apartheid* na África do Sul.

Os temas aflorados são muito variados e apesar, como o título o indicia, de a questão central da novela ser o racismo, ela é entrecruzada por outros eixos ideotemáticos como a amizade, a tolerância e os afectos. A este propósito, veja-se a forma como, no texto, é construída a relação entre Nina e Vítor, entre os pais da narradora e, de alguma forma, entre os seus avós, apresentando várias facetas das relações amorosas, em sentido mais restrito, e humanas, em sentido geral. Aliás, a família reveste-se de particular relevo na narrativa, como as três gerações presentes dão a perceber. O equilíbrio familiar acontece, apesar dos conflitos geracionais e culturais que se vão sucedendo, sustentado pela confiança e por um diálogo que se mantém do início ao fim da obra.

A questão da informática funciona mais como pretexto para o desenvolvimento da narrativa, permitindo empréstimos vários, tanto ao nível da própria comunicação narrativa, como nos planos linguístico e temático, e funciona como forma de caracterizar Nina, individualizando-a, por exemplo, face ao primo e inserindo-a num grupo definido por determinados gostos e interesses. Permite também a sugestão de cómico, aquando da construção das bases de dados de Nina sobre os seus ódios de estimação, ou das confusões da avó com *software* e *tupperware* (Saldanha, 2002: 14 e 15), acentuando as diferenças entre gerações ao nível dos interesses e da relação que estabelecem com a inovação. Particularmente interessante é o aproveitamento deste vocabulário específico em

contextos diferentes dos habituais. Assim, o fecho da narrativa surge como uma simulação do fecho ou encerramento do programa de computador ou do próprio sistema.

O discurso da narradora é, ainda, marcado pelo humor, por um registo familiar e por um estilo coloquial. Verifica-se a utilização, com moderação e pertinência, de alguns vocábulos e expressões da gíria juvenil e/ou escolar. A narrativa desenrola-se a um ritmo quase alucinante, cativando o leitor da primeira à última página.

O ambiente escolar e o familiar são reconstruídos com pormenor e realismo, sugerindo o conhecimento preciso pela autora destes universos que revisita com assiduidade nos seus textos, como o provam as publicações de *Cinco Tempos, Quatro Intervalos* (1999) ou *Doçura Amarga* (1999).

A questão do racismo, sugerida desde o título como central no desenvolvimento da novela, é a florada pela primeira vez na página 47, pelo pai da narradora, queixando-se da forma como tinha sido tratado no hospital. Mais tarde, é no diálogo de Vítor e Daniel que aparece explícita a referência à “pele escura” do primo de Nina, através do uso de expressões com claras conotações pejorativas como «primo escurinho» (Saldanha, 2002: 52), «não sabia que tinhas **disto**<sup>6</sup> na família» (idem), «é bem tostadinho» (idem, ibidem: 53), «pretinho tão giro» (idem, ibidem: 56). Neste caso concreto, saliente-se o valor semântico dos diminutivos e o recurso ao pronome indefinido invariável usado para referir Daniel.

Verifica-se, pois, o tratamento de um conjunto muito diversificado de temáticas reais e complexas, cuja seriedade não é posta em causa pela forma acessível e clara como são tratadas na obra, sem ligeirezas, facilitismos ou moralismos. Há, sobretudo, uma desmistificação de algumas ideias e conceitos que, apesar de extraordinariamente actuais, nem sempre são facilmente percebidos, como é o caso do racismo. Mais do que uma lição de moral sobre a igualdade, a multiculturalidade e a tolerância, a narrativa desmonta o conceito, apresentando-o como consequência de comportamentos estereotipados, irreflectidos e acrílicos que não têm em conta a individualidade da pessoa humana. No texto, percebe-se que o racismo não é monopólio das classes sociais mais baixas ou culturalmente menos esclarecidas, mas atravessa diferentes grupos e gerações, como se percebe no capítulo 5, pertinentemente intitulado “Estupidez (como controlar a)”, através das descrições das reacções dos colegas de Nina e dos professores quando insistem na ideia de que Daniel não pode ser originariamente português: «Disse-lhe o nome do subúrbio onde vivem a tia Liz e o tio André. A professora voltou à cara: – Não, eu pergunto donde é que ele é *mesmo*<sup>7</sup>» (Saldanha, 2002: 54).

Aliás, não deixa de ser curioso (além de particularmente relevante) o facto de a informação aos leitores sobre a cor da pele de Daniel não ser dada por Nina, aquando do surgimento da personagem em cena, e ser apenas percebida através da reacção dos seus colegas na escola. Desde o início, o leitor percebe que os problemas de Nina em relação ao primo nada têm a ver com esse “pormenor” que a narradora nem sequer valoriza ao ponto de não o registar, mas com as diferenças etárias e de maturação psicológica (além das de sexo) existentes entre ambos. O facto de Nina ser filha única combinado com

<sup>6</sup> Negrito nosso.

<sup>7</sup> O itálico é usado no original.

a chegada inesperada do primo causam grande ansiedade e irritação na personagem, sobretudo porque, mesmo inconscientemente, se vê privada do monopólio dos espaços, dos objectos e, sobretudo, dos afectos dos pais, dos avós e dos colegas. Assim, o tratamento da diferença é realizado de forma desenvolvida e a autora não se limita à distinção mais óbvia da cor. O texto aponta para um conjunto mais vasto de dissemelhanças entre as personagens, como é o caso da idade e da própria nacionalidade (com implicações ao nível da língua e de hábitos culturais e sociais, por exemplo), referidos a propósito da Tia de Nina, mãe de Daniel.

No que toca ao racismo e às suas manifestações, convém destacar que a novela acaba por questionar todo um conjunto de ideias feitas do senso comum. Desta forma, mais do que insistir em actos de violência mais ou menos gratuita sobre pessoas de outra cultura ou cor, a autora fomenta a auto-análise e a desconstrução do mito de que em Portugal não existe racismo. Assim, são descritas situações concretas em que é evidenciada a tomada de consciência da diferença, como as cenas passadas na escola ou, principalmente, a cena do autocarro<sup>8</sup>. A ideia de que os negros são imigrantes que “roubam” o emprego e as regalias sociais aos “verdadeiros” portugueses encontra algum eco na sociedade, promovida, inclusivamente, por alguns discursos populistas e de inclinação xenófoba. Não deixa de ser curioso, por isso mesmo, que a desmontagem do argumento seja feita por Nina, quando questiona a senhora sobre o facto de os seus filhos também não estarem a estudar e, nesta medida, não serem prejudicados pelos privilégios concedidos aos estudantes angolanos<sup>9</sup>. O facto de Nina se revelar particularmente sensível em relação à discriminação (sobretudo na escola e no grupo de amigos) de que o primo Daniel é alvo permite a adesão do leitor ao ponto de vista na narradora e a constatação das injustiças cometidas. A promoção da tolerância resulta do tratamento, na vida do quotidiano, da questão em concreto e não de um discurso abstracto sobre este assunto. O final feliz (resultante da resolução dos problemas vivenciados ao longo da diegese e da reinstauração do equilíbrio – pessoal, familiar e escolar – momentaneamente perdido) e o (r)estabelecimento de laços afectivos entre as personagens – também promovidos pela interferência da avó – vão ao encontro das expectativas dos leitores e permitem suavizar a densidade e a complexidade da temática proposta.

O tratamento do tempo é importante na construção da narrativa. A analepse inicial permite explicar a chegada do computador a casa de Nina e é introduzida de forma muito simples, através das memórias da personagem, activadas por uma alusão<sup>10</sup>. No

<sup>8</sup> Confrontar com: «Estudantes? E o que é que eles têm de andar a estudar à minha custa? Olha, filha, aprende que eu não duro sempre: que eu tenho três lá em casa que desde a idade de catorze anos que dão ali no duro, trabalham de sol a sol. E vêm para aí os pretos tirar-nos o lugar.

Ouviam-se vozes no autocarro a apoiar esta tirada (...).

Que ignorância! Virei-me para a senhora e disse:

– Mas se os seus filhos trabalham desde os catorze anos, os estudantes negros não lhes estão a tirar os lugares na Universidade.» (Saldanha, 2002: 59 e 60).

<sup>9</sup> Na discussão aí gerada, não deixa de ser relevante o facto de várias pessoas intervirem, de forma animada, levantando questões relativas à descolonização. De forma subtil, a autora levanta questões que, mesmo nos nossos dias, não estão completamente resolvidas e que se relacionam com a identidade nacional e com a reconfiguração geográfica e política que se seguiu ao 25 de Abril de 1974.

<sup>10</sup> Confrontar, por exemplo, com: «Esta piada repete-se ano após ano, desde que me recordo. Desde muito novinha que deixei de acreditar no Pai Natal. (Foi a tia Luís quem me tirou as ilusões, quando eu tinha cinco anos. – Pai Natal? – disse ela. – Mas tu acreditas nessa treta?)» (Saldanha, 2002: 12).

início da obra, é a partir da referência ao Pai Natal que são evocadas lembranças relativas a Natais passados e às prendas recebidas. Assim, é visível uma gestão muito pessoal, subjectiva mesmo, do tempo narrativo, uma vez que os acontecimentos relatados seguem o fio mental da narradora que os manipula de acordo com as suas vivências. É, pois, através das suas memórias que conhecemos, de forma rápida mas totalmente eficaz, a vivência em África do tio, as relações entre os avós, a aproximação de Vítor, entre outros aspectos. São intercaladas referências a tempos diferentes, ainda que a acção se prenda, preferencialmente, no episódio da chegada a Lisboa do primo Daniel.

A narrativa, essencialmente de tipo diarístico, é ainda entrecortada pela presença de outras tipologias textuais, como é o caso da epistolar. Quando Nina decide escrever uma carta à avó entretanto internada<sup>11</sup>, essa carta é introduzida na narrativa, ocorrendo alterações ao nível gráfico e visual na apresentação do texto, através da simulação da caligrafia da personagem e da demarcação dos limites da página. Estratégia semelhante pode também ser observada logo no índice, uma vez que os nomes dos capítulos surgem ordenados alfabeticamente (das letras A a J), assemelhando-se a um manual de instruções ou a uma espécie de índice onomástico que permitisse a leitura livre, não sequenciada da narrativa.

A narrativa dialoga, desta forma, como outros textos (e mesmo outras tipologias discursivas, se atentarmos também no recurso à linguagem informática, em sentido literal e metafórico), simulando uma aproximação mais efectiva (e também mais “realista”) ao quotidiano das personagens.

Mas as sugestões de “subversão”, sobretudo ao nível da derrogação das expectativas dos leitores, surgem ainda nas alusões ao Inferno e ao seu peculiar simbolismo, uma vez que em lugar de estar conotado com um espaço terrível e assustador ao qual as personagens são condenadas por acções vis, como a referência no índice sugere, sobretudo pela articulação com “Juízo final”, surge como espaço de eleição e de desejo, uma vez que se trata de um original restaurante da moda... Mais do que condenação, a ida ao Inferno (um espaço repleto de sugestões vicentinas) representa a recompensa das personagens e a pacificação das relações pessoais existentes entre elas. A linguagem revela-se como forma subjectiva e particular de modelizar o mundo a partir do ponto de vista da personagem/narradora, obrigando à sua leitura não só em sentido literal, mas também simbólico.

Do ponto de vista visual, merece ainda referência a discreta, mas presente, componente ilustrativa da publicação. As ilustrações, a preto e branco, estão presentes no início de cada capítulo e integram uma espécie de legenda, através de uma frase ou apenas algumas palavras retiradas do texto. O paratexto da contra-capa é composto por uma série de interrogações cuja resposta, supostamente, será dada pela narrativa. Trata-se, assim, de captar a atenção do leitor pela sugestão de diversos “mistérios” que perpassam pela obra. A opção por caracteres de tamanho significativo e por uma mancha gráfica não muito compacta acentua a celeridade da leitura, actuando de forma decisiva ao nível da captação da atenção e da adesão dos leitores. Uma nota ainda sobre o desenho da

<sup>11</sup> Mesmo o internamento, para o qual vão sendo fornecidos vários indícios, é explicado pormenorizadamente, com recurso a terminologia médica e científica específica. A analogia entre o sistema informático e o corpo humano é sintomática da forma como Nina compreende o que se passa à sua volta. Veja-se, por exemplo, como a questão dos “problemas de sistema” são tratados, através do estabelecimento de afinidades com o corpo humano e os limites físicos que tanto o computador como o homem podem suportar.

capa, o qual dá a ver, em primeiro plano, uma mão manipulando um «rato» junto a um computador, conjunto luminoso e em cores vivas, que parece aludir, metonimicamente, à própria narradora-personagem. Em fundo, uma figura masculina abre uma porta, recortando-se a sua silhueta escura sobre a luz provinda de um compartimento contíguo, enquanto uma silhueta idêntica, em tons claros, surge no ecrã do computador. Lembrando uma vinheta de banda desenhada, num registo a que José Miguel Ribeiro nos habituou, este desenho atractivo, mas de problemática interpretação para quem desconheça o texto, indicia, no seu jogo de claro-escuro, as tensões que os eventos narrados farão emergir, sugerindo ao mesmo tempo a entrada de alguém na vida social e interior de outrem. Ao impor-se pela sua atmosfera de mistério, a imagem da capa torna-se assim um elemento susceptível de aliciar potenciais leitores.

Em termos globais, Ana Saldanha parece ter encontrado uma das “fórmulas mágicas” de contar histórias aos jovens, tratados como leitores de pleno direito, em que ficcionaliza a partir de um conhecimento muito próximo da realidade, os seus problemas, preocupações, desejos e pontos de vista, em suma, a sua cosmovisão.

## Referências bibliográficas

- ▶ OUELLET, Fernand (1991). *L'Éducation Interculturelle : essai sur le contenu de la formation des maitres*, Paris: Harmattan, 1991.
- ▶ OUELLET, Fernand (2002). *Les Défis du Pluralisme en Éducation : essais sur la formation interculturelle*. Laval: Presses de l'Université Paris.
- ▶ PEROTTI, António (1997). *Apologia do Intercultural*. Lisboa: Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.
- ▶ SALDANHA, Ana (2002). *Uma Questão de Cor*. Lisboa, Caminho.
- ▶ SILVA, Sara Reis da (2005). «Tendências da Narrativa Juvenil Contemporânea: o Caso de Ana Saldanha», conferência apresentada no 7º Encontro de Literatura para a Infância “No Branco do Sul as Cores dos Livros”, Beja, 25-26/2/2005.